



**ENAN  
PUR 2023**  
Belém 22 a 26 de maio



## **Hashtag Eleições2022: mapa de redes em redes**

### **Sessão Temática 11: Novas interpretações possíveis para a questão urbana e regional**

**MELO, IZABELLA**

Doutoranda em Arquitetura e Urbanismo; Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Pará (PPGAU/UFPA)  
[izabella.santos.silva@itec.ufpa.br](mailto:izabella.santos.silva@itec.ufpa.br)

**FAHUR, AMANDA**

Arquiteta e Urbanista e Artista Visual  
Uningá  
[amandacfahur@gmail.com](mailto:amandacfahur@gmail.com)

**SCUDELLER, BÁRBARA**

Doutoranda em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo; Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (IAU-USP)  
[barbara.scudeller@usp.br](mailto:barbara.scudeller@usp.br)

**KP, JUNY**

Artista; Produto cultural; Designer gráfico; Diretor criativo da casa de criar, escritório de arte; Tradutor/intérprete pelo IBILCE/UNES, SJRP; Mestrando em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo; Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (IAU-USP)  
[junykp@me.com](mailto:junykp@me.com)

**VIEIRA, PATRICIA**

Mestre em Arquitetura e Urbanismo; Programa de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas (PPGAU-UFAL)  
[Patriciasvieira.arqurb@gmail.com](mailto:Patriciasvieira.arqurb@gmail.com)

**Resumo.** O presente trabalho buscou contemplar os territórios subjetivos de coexistência durante o processo eleitoral dos presidencialistas de 2023. Longe de considerarmos os territórios de coexistência como espaços físicos de existência pacífica entre seus integrantes, os autores decidiram interpretar esses territórios como os locais do embate e do conflito. Isso posto, foi utilizado o método da cartografia sensível para mapearmos as subjetividades em jogo durante o processo eleitoral de 2022. Para tal, foi realizado um levantamento sistemático junto as redes sociais Twitter e Instagram durante o mês de junho deste ano. Com dados coletados e sistematizados organicamente, a cartografia final deste trabalho possibilitou a interpretação de que o atual território de coexistência em redes constitui-se de um ambiente hostil e de disputa acirrada. Em meio a uma realidade paralela, as redes foram dominadas por posts de apoio cego ao candidato de extrema direita, Jair Bolsonaro. Ao mesmo tempo em que percebemos a hashtag #Eleições2022 como um domínio bolsonarista, também concluímos que a maioria das publicações não eram geradas por pessoas, mas sim por robôs. E cabe lembrar: robô não vota!

*Palavras-chave.* Eleições 2022; Hashtags; Redes sociais; Cartografia; Territórios.

## Hashtag Elections2022: map of networks in networks

**Abstract.** The present work sought to look on the subjective territories of coexistence during the 2023 presidential election process. Far from considering the coexistence territories as physical spaces of peaceful existence among its members, the authors decided to interpret these territories as the places of clash and conflict. That said, the sensitive cartography method was used to map the subjectivities at stake during the 2022 electoral process. To this end, a systematic survey was carried out with the social networks Twitter and Instagram during the month of June this year. With data collected and systematized organically, the final cartography of this work made it possible to interpret that the current territory of coexistence in networks constitutes a hostile environment and fierce dispute. In the midst of a parallel reality, the networks were dominated by posts of blind support for the far-right candidate, Jair Bolsonaro. At the same time that we perceive the hashtag #Eleições2022 as a 'Bolsonarista' domain, we also concluded that most publications were not generated by people, but by robots. And remember: robot does not vote!

*Keywords:* Elections 2022; Hashtags; Social networks; Cartography; Territories.

## Hashtag Elecciones 2022: mapa de redes en redes

**Resumen.** El presente trabajo buscó contemplar los territorios subjetivos de coexistencia durante el proceso electoral presidencial de 2023. Lejos de considerar los territorios de coexistencia como espacios físicos de existencia pacífica entre sus integrantes, los autores optaron por interpretar estos territorios como lugares de choque y conflicto. Dicho esto, se utilizó el método de la cartografía sensible para mapear las subjetividades en juego durante el proceso electoral de 2022. Para ello, se realizó una encuesta sistemática con las redes sociales Twitter e Instagram durante el mes de junio de este año. Con datos recolectados y sistematizados orgánicamente, la cartografía final de este trabajo permitió interpretar que el actual territorio de coexistencia en redes constituye un ambiente hostil y de feroz disputa. En medio de una realidad paralela, las redes estuvieron dominadas por posteos de apoyo ciego al candidato de extrema derecha, Jair Bolsonaro. Al mismo tiempo que percibimos el hashtag #Eleições2022 como un dominio de Bolsonaristas, también concluimos que la mayoría de las publicaciones no fueron generadas por personas, sino por robots. Y recuerda: ¡robot no vota!

*Palabras clave:* Elecciones 2022; Etiquetas; Redes sociales; Cartografía; Territorios.

### 1. Do desafio

A experimentação cartográfica desenvolvida neste trabalho foi fruto de um desafio lançado pela disciplina “Cartografias: Tecnopolíticas e Geopoéticas”, integrante do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (PPG-IAU USP).

Esse desafio consistiu no desenvolvimento de um trabalho que, a partir da aplicação de uma abordagem cartográfica, trabalhasse com uma incursão a respeito dos territórios de coexistência sob o ponto de vista da contemporaneidade. Foi então que nos debruçamos sobre a compreensão do que seriam esses “territórios de coexistência”.

Sem dúvida, esse foi o primeiro desafio no qual o nosso trabalho se esbarrou. No que consiste um território? Ele precisa ser necessariamente algo físico? Ou pode vir de uma imaterialidade? Quem são as pessoas que o habitam? Aliás, ele precisa ser habitado? O que significaria um “território de

coexistência”? O que coexiste nesse território? Essa coexistência pressupõe um consenso ou um dissenso?

Não poderíamos começar a entender o conceito de território sem adentrar primeiramente ao campo teórico da geografia urbana. O primeiro nome que nos vem à mente para analisar essa questão é o de Milton Santos. Para o autor o território em si possui duas dimensões: a dimensão da forma e a dimensão do espaço habitado. A dimensão espacial da forma retoma a origem de entendimento de território. Durante a existência dos Estados-Nações, o território foi um grande marco jurídico-administrativo do espaço, tendo em vista as frequentes disputas por poder (SANTOS, 1994). Quem detinha o poder de uma nação, também detinha o controle físico do seu território.

Mas a dimensão da forma do território começa a ser complexificada ao adentrarmos na era pós-moderna, na qual a dimensão do espaço habitado começa a tomar força com os processos de mundialização. O território não é apenas uma forma, mas também sinônimo do espaço humano, do espaço habitado - reflexo daqueles que o habitam. Eis então que Santos (1994) caracteriza o território através daquilo que chamou de horizontalidades e verticalidades. Sendo as horizontalidades “os domínios de contiguidade, daqueles lugares vizinhos reunidos por uma continuidade territorial” (p. 256) e as verticalidades, regidas pelos processos sociais que diferenciam cada um dos territórios. Ou seja, o território é compreendido como produto das relações sociais, ao mesmo tempo em que estas também são moldadas por ele.

Ainda assim, é preciso ir além. Para além da dimensão da forma - essencialmente física - e do espaço habitado - essencialmente social - existe uma terceira dimensão do território: a dimensão da subjetividade. E é com esta dimensão não fixa de território que decidimos trabalhar neste desafio. Por meio da subjetividade, não é o indivíduo que habita o território, mas o território que habita o indivíduo. Ele não se subscreve a uma fixitude espacial.

Gilles Deleuze e Félix Guattari no capítulo “Acerca do ritornelo”, presente no 4º volume de “Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia”, conceituam território a partir de uma perspectiva etológica, como “a distância crítica entre dois seres da mesma espécie” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.111), e reiteram que o território “não só assegura e regula a coexistência dos membros de uma mesma espécie, separando-os, mas torna possível a coexistência de um máximo de espécies diferentes num mesmo meio, especializando-os” (ibidem, p.112). A definição de território para os autores relaciona-se a ideia de territorialização, a ação de marcar um lugar e chamar de seu, de apropriar-se de um espaço. No entanto, consideramos ainda mais pertinente aos objetivos deste trabalho, a conceituação que fazem Guattari e Rolnik (1996) em Micropolítica: Cartografias do desejo.

A noção de território é entendida aqui num sentido muito amplo, que ultrapassa o uso que dela fazem a etologia e a etnologia. Os seres existentes se organizam segundo territórios que os delimitam e os articulam aos outros existentes e aos fluxos cósmicos. O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente “em casa”. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto dos projetos e das representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos. (Ibidem, p.323)

A associação da noção de território à noção de coexistência, a princípio, nos remete a espaços de tolerância e integração. Espaços nos quais grupos de diferentes origens e identidades culturais, sociais, econômicas e espaciais, possam existir de forma simultânea e pacífica. Onde a identidade de si e do outro é respeitada e aceita, mesmo que não seja semelhante a nossa.

Entretanto, Santos (2010) declara que o conceito de coexistência é empregado em contextos com sentidos tão amplos que acaba incorporando uma certa carga de imprecisão e ambiguidade. A autora afirma que, embora o termo realmente seja definido nos principais dicionários com a ideia de existência simultânea, atualmente se estabelece sobre outras bases, “associada à existência

simultânea de opostos e, ainda, relacionada prioritariamente a situações de conflitos, sejam eles, étnicos, religiosos, políticos, ideológicos, culturais, de classe, de identidade, de gênero, entre outros” (Ibidem, n.p).

Nesse sentido, a nossa ideia de territórios de coexistência se aproxima dos espaços limiães caracterizados por Stavros Stavrides. Nomeados pelo autor como “spatiotemporal thresholds”, esses espaços limiães são lugares demarcados no tempo e no espaço onde a coexistência com o outro se dá através dos espaços de negociação e de uma identidade aberta à compreensão do diferente. Para o autor, a construção de lugares mais inclusivos e democráticos perpassa pela construção e perpetuação desses espaços limiães. O que os aproxima da noção de territórios de coexistência, abertos à alteridade por meio da construção de pontos de encontro com o outro.

O estado de coexistência, embora não exclua os momentos de conflito, como nos esclarece Khaminwa (2003), exclui “a violência generalizada e os atos destinados a destruir psicologicamente, socialmente, economicamente ou politicamente o(s) outro(s) lado(s)” (Ibidem, n.p).

A coexistência existe antes e depois de conflitos violentos. No entanto, não é estática. Como todos os ambientes sociais, ela oscila, dependendo do nível de interação social. A coexistência existe em situações em que indivíduos e comunidades aceitam e abraçam ativamente a diversidade (coexistência ativa) e onde indivíduos e comunidades apenas toleram outros grupos (coexistência passiva). (Ibidem, n.p)

Logo, a coexistência é - ou deveria ser - pensada a partir de relações positivas entre grupos sociais diferentes, nas quais não há utilização de nenhum tipo de violência. No entanto, não é o que se percebe ao adentrar os espaços políticos atuais, em especial às redes sociais, onde embora diversos grupos estejam interagindo em um mesmo território, este parece ser uma espécie de “terra sem lei”, no qual se observa uma notória e crescente escalada de hostilidade por parte dos apoiadores dos principais presidenciáveis das eleições 2022<sup>1</sup>.

Então, por liberdade poética, decidimos compreender coexistência sob outra perspectiva. Se coexistir com o outro pode ser uma oportunidade para estar aberto à alteridade e à negociação de espaços mais inclusivos e democráticos, ele também pode ser o espaço onde isso não ocorre. Essa perspectiva nos pareceu mais atraente para o trabalho. Adotamos a coexistência em um mesmo território como o local do dissenso, do conflito, do embate, da discordância. Afinal, coexistir também é querer demarcar um território para chamar de seu.

Dentro dessa compreensão, o espaço escolhido como objeto de investigação é a virtualidade, pois reúne e materializa o coexistir a partir de um complexo de infinitas relações, abrigando localidades, percepções, subjetividades, acontecimentos cotidianos, culturas, algoritmo, formando assim essa grande massa de fatores que se interseccionam dia a dia, minuto a minuto, e mudam na velocidade da informação. O espaço de coexistir se torna esse espectro, perpassado a todo momento por múltiplas realidades, formalizado nas mídias sociais.

## 2. Da proposta

Assim que o desafio foi lançado, houve o consenso: cartografar o processo eleitoral para o ano de 2022. Diferente de outros momentos, a eleição para os presidenciáveis deste ano está decididamente marcada pelo embate. Um embate dual entre direita e esquerda, entre conservador e progressista, entre negacionismo e cientificismo, entre autoritarismo e democracia. Como existir em um território tão dual? É necessário tomar um lado? Se sim, qual lado tomar? Se não, em quem votar? Afinal, o que está em jogo nessas eleições? Estamos discutindo propostas ou estamos defendendo visões de mundo? O que o processo eleitoral vai efetivamente decidir? O que as pessoas pensam? Elas pensam em algo ou nem se dão ao trabalho? Por que há tanto

conflito, tanto embate, tanta raiva, tanto ódio em jogo? Não daremos respostas a todas essas perguntas. Não temos essa pretensão e nem mesmo essa ilusão. Mas podemos tatear algo.

Como mencionado, não pretendemos trabalhar com a ideia de coexistência no campo do consenso, e nem trabalhar com a ideia de território dentro de seu aspecto físico e social. O território de coexistência aqui adotado foi o campo da subjetividade dos conflitos. E para trabalhar sobre esse assunto, as redes sociais se mostraram um campo de enorme efervescência.

Nas eleições de 2018, as redes sociais assumiram um protagonismo inédito até então. Poucos foram os debates televisionados no primeiro turno, apenas sete ocorreram: hospedados na Rede Bandeirantes<sup>ii</sup>, RedeTV!<sup>iii</sup>, TV Gazeta<sup>iv</sup>, TV Aparecida<sup>v</sup>, SBT<sup>vi</sup>, Record TV<sup>vii</sup> e Rede Globo<sup>viii</sup>. Já no segundo turno, nenhum debate aconteceu. Isso nunca havia acontecido na história das eleições brasileiras. O motivo: um dos candidatos mais votados para o segundo turno decidiu não comparecer. Após a facada que Jair Bolsonaro sofreu na cidade de Juiz de Fora/MG, o então candidato decidiu não comparecer nas entrevistas oficiais. Em parte por motivos de saúde, em parte por estratégia de campanha. O que era para ser uma desvantagem ao candidato, acabou se mostrando de grande serventia. Com uma participação pífia no único debate televisionado que participou<sup>ix</sup>, Bolsonaro atingiu um alcance fenomenal nas redes. Com uma campanha massiva realizada quase exclusivamente através das redes sociais, Jair Messias Bolsonaro foi eleito Presidente da República com 55,13% dos votos válidos no segundo turno.

Quatro anos se passaram e o protagonismo das redes sociais continua. A quatro meses do primeiro turno<sup>x</sup>, as redes sociais se encontram intensamente povoadas por discursos de ódio, apoiadores fanáticos, “memes” e fake news. Ou seja, desde a última eleição presidencial até agora o marketing eleitoral através das redes sociais só ganhou mais espaço e força. O que notamos foram férteis territórios de subjetividades e de conflitos de coexistência.

Que território(s) podemos perceber em expressões que caminham pelo espaço virtual? Como podemos observar os agenciamentos<sup>xi</sup> e linhas que tensionam e constroem a todo instante essa grande e dispersa metanarrativa das eleições em 2022? Como sua interface mutável pode ser mapeada? O que ela territorializa (reterritorializa e desterritorializa)<sup>xii</sup>? Ao fazermos tais questionamentos, nos aproximamos das cartografias-rizoma, uma abordagem que parte do entendimento da cartografia como um acompanhamento de processos e que tem as obras “Mil Platôs” de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1997) como um dos textos inspiradores e disparadores de experimentações que trazem a possibilidade de considerar os agenciamentos presentes nas interações e produções subjetivas como aspectos produtores de um território.

Especialmente, o texto introdutório de “Mil Platôs - Capitalismo e Esquizofrenia” nos traz uma construção conceitual do termo “rizoma”, em que são enumerados e explicitados princípios que o regem. O rizoma, como um processo que desconstrói o modelo ao esboçar um mapa, se difere do modelo arborescente, – que segue uma lógica de decalque e reprodução centrada, hierarquicamente ramificada –, contém conexões diversas entre pontos de naturezas distintas, não se constrói por unidades e sim por dimensões sem um começo ou fim. Constitui multiplicidades que constantemente alteram e transformam suas conexões. Multiplicidades não apresentam e/ou esgotam um começo ou um fim, mas se relacionam a dimensões que contêm múltiplas entradas e maneiras de compreensão (DELEUZE e GUATTARI, 1997). Nesse sentido, compreender o território dentro de uma perspectiva rizomática significa apostar na possibilidade de delinear uma performance para mapear linhas que se atravessam, se tensionam, conectam, mas não encerram ou identificam unidades geradoras ou delimitam uma totalidade de “(n-1)”. Cartografar um território, compreendendo a impossibilidade de unificá-lo e/ou esgotá-lo.

Ao nos depararmos com a ideia de rizoma apresentada por Deleuze e Guattari (Ibidem), notamos a sua semelhança com as relações estabelecidas entre os usuários das redes sociais. Suas relações são estabelecidas por conexões entre postagens e comentários de maneira multidirecional, inter-relacional, e inesgotáveis. Devido a sua relação rizomática, julgamos

pertinente mapear essas relações a partir de uma abordagem cartográfica, com o objetivo de capturar as subjetividades por hora em jogo no processo eleitoral deste ano.

Em um primeiro momento, algumas pistas nos ajudaram a entender o método cartográfico e quais tipos de pesquisas podem ser por ele favorecidas. Para isso, inicialmente trabalhamos com as pistas apresentadas por Luciano Costa, em seu artigo “Cartografia: uma outra forma de pesquisar”, publicado em 2014. A cartografia se enquadra em um modo de pesquisa inventivo e ocupa uma lacuna deixada pelos métodos de pesquisa mais rígidos. Não foca em um acontecimento específico, se deixa levar pelos encontros do meio do caminho. A cartografia só toma corpo ao longo do processo de afetar e ser afetado pelos encontros, foca no processo e não em algo final. Não há um final para a cartografia. “O que chamamos de final é sempre um fim para algo que continua de uma outra forma” (COSTA, 2014, p. 69). Para estar aberto aos afetos, o cartógrafo precisa ter uma atenção leve, sem focar demasiadamente em um fato específico, mas também sem deixar de focar em algo. Por isso o cartógrafo precisa estar no território cartografado e não se preocupar com os aparentes “erros” de percursos. A cartografia pressupõe um desapego às ideias preconcebidas. Os pesquisadores habituados aos métodos convencionais precisam se esforçar para ver os tropeços do processo de pesquisa como oportunidades, afinal “só tropeçamos quando nosso pé se encontra com algo” (Ibidem, p. 75).

Após tatearmos o método cartográfico a partir de Costa (2014), buscamos aprofundar o nosso conhecimento sobre essa abordagem de pesquisa em alguns capítulos do livro publicado por Virgínia Kastrup, “Pistas do método da cartografia: pesquisa intervenção e produção de subjetividade”. Neste livro encontramos duas características da cartografia úteis à nossa produção de dados de pesquisa<sup>xiii</sup> nas redes sociais: a primeira trata sobre a atenção do cartógrafo e a segunda sobre o acompanhamento de processos.

O trabalho do cartógrafo exige uma atenção fluante e um reconhecimento atento. A atenção do cartógrafo não pode buscar algo em específico e direcionado, mas flutuar como o sobrevoo de um pássaro pelo seu território. O objetivo deve ser estar atento às forças que nos atingem através da detecção de signos e forças agenciadas no território. “A detecção e a apreensão de material, em princípio desconexo e fragmentado, de cenas e discursos, requerem uma concentração sem focalização” (KASTRUP, 2015, p. 33). Ou seja, tudo deverá ser digno de atenção. Um aspirante a cartógrafo ficaria desorientado diante de tantas informações dispostas de maneira caótica e aparentemente desarticuladas entre si. A atenção que paira como o voo de um pássaro deve pousar no que exatamente? Qual deve ser o critério para focarmos a nossa atenção em algo? Segundo Kastrup (ibidem), tudo dependerá da força gerada pelo encontro. A atenção pousará sobre o que subitamente chamar a atenção. Essa foi a estratégia adotada por nós na seleção de publicações e comentários nas redes sociais sobre as eleições de 2022, a qual será detalhada no próximo tópico.

Como já apontado em Costa (2014), o trabalho do cartógrafo nunca busca o fim, a representação de algo concluído e acabado. O que aparentemente é o fim, sempre é algo que continua sob uma outra forma. A pesquisa cartográfica não pretende representar objetos, mas acompanhar processos. Quando o cartógrafo entra em campo, ele está em meio a algo que já começou e que ainda continuará depois dele. O cartógrafo sempre está no entre. “Nesta medida, a cartografia se aproxima da pesquisa etnográfica e lança mão da observação participante” (BARROS; KASTRUP, 2015, p. 56). Ao contrário da ciência moderna cognitivista, a cartografia não pressupõe a separação cientificista entre sujeito e objeto pesquisado. O cartógrafo não busca isolar variáveis para encontrar um resultado, mas criar processualmente um resultado a partir do seu envolvimento direto com estas variáveis.

No contexto da ciência moderna, as etapas da pesquisa - coleta, análise e discussão de dados - constituem uma série sucessiva de momentos separados. Terminada uma tarefa, passa-se à próxima. Diferentemente, o caminho da pesquisa cartográfica é constituído de passos que se sucedem sem se separar. Como o próprio ato de caminhar, onde um passo segue o outro num movimento contínuo, cada momento da pesquisa traz consigo o anterior e se prolonga nos



Também diferentemente do trabalho de Passos e Lima (2016) não nos propomos a analisar um período tão extenso quanto o de um ano, mas sim um período mais curto, tendo em vista que pretendíamos cartografar um processo eleitoral ainda em curso.

### 3. Da coleta

O nosso trabalho de coleta se deu através de um jogo. Não definimos exatamente o quê iríamos coletar, mas sim como coletar. Isso se deveu propriamente ao uso do método cartográfico. Não poderíamos direcionar a nossa atenção para encontrarmos apenas algo em específico. Precisaríamos estar abertos ao campo das subjetividades, para nos deixarmos ser afetados pelos imprevistos desse “caminhar” nas redes. Aí residiria a riqueza do trabalho e a maior contribuição desse tipo de abordagem.

O primeiro critério discutido foi sobre a escolha da rede social. Várias eram as possibilidades. Poderíamos fazer uma coleta através do Twitter, Facebook, TikTok, Instagram, dentre tantas outras redes sociais possíveis. Mas decidimos focar em apenas duas delas: Twitter e Instagram. Esta foi uma escolha coletiva tomando como critério o fato de que cada rede social é um território frequentado por diferentes tipos de perfis. Através de nossas percepções iniciais, observamos que as maneiras de comunicação entre ambas as redes são distintas entre si. Enquanto no Twitter as publicações mais frequentes são textuais (os tweets), no Instagram as publicações focam em conteúdos visuais, como fotos e vídeos. Assim, a nossa coleta poderia abarcar diversos tipos de conteúdos.

Nessas redes sociais, foi utilizado o mecanismo de busca, na aba “buscar”, a partir da hashtag #Eleições2022<sup>xvii</sup>. No Instagram, a busca resultava em uma tela com os nove posts mais populares na rede. No Twitter, a busca direcionava a um feed onde eram listados os tweets também mais populares. Como parte desse jogo, estabelecemos um horário também comum a todos os integrantes da equipe. Como o período noturno costuma ser mais movimentado nas redes sociais, definimos que o horário de coleta seria exatamente às 19h.

Mas um fator não era comum a todos os integrantes da equipe: a sua localização geográfica. Cada integrante estava situado em uma cidade, estado e região diferente do país, sendo estas: São Carlos/SP, São José do Rio Preto/SP, Maringá/PR, Maceió/AL e Belém/PA. Na busca de captarmos as peculiaridades regionais de cada localização, as pesquisas foram feitas sempre com o GPS dos dispositivos móveis ativados.

Estabelecidas as redes sociais de coleta, o filtro de busca e o horário em comum, faltava ainda estabelecer o período de levantamento desses dados e os produtos resultantes dessas coletas. O período temporal que tínhamos disponível não era longo. Devido ao prazo de conclusão da disciplina para a qual esse trabalho foi desenvolvido, tínhamos apenas 15 dias. Assim a coleta foi realizada entre os dias 02 e 16 de julho de 2022. Como produto primário resultante, definimos que cada membro da equipe tiraria prints de tela dos dispositivos móveis utilizados.

Parâmetros também foram estabelecidos para a navegação nessas redes. Cada um dos membros da equipe tiraria seis prints por dia: três no uso do Twitter e três no uso do Instagram. Sendo o primeiro print a primeira tela de busca pela hashtag #Eleições2022, o segundo print uma publicação resultante dessa busca inicial, e o terceiro um comentário desta publicação escolhida. Todos esses parâmetros foram definidos com o objetivo de isolar uma única variável: a atenção do olhar do cartógrafo sob as subjetividades emanadas pela coexistência destes territórios em rede.



Figura 3. Sucessão das capturas de tela realizada por uma das autoras no dia 04 de junho de 2022 na rede social Instagram (fonte: elaborada pelos autores).

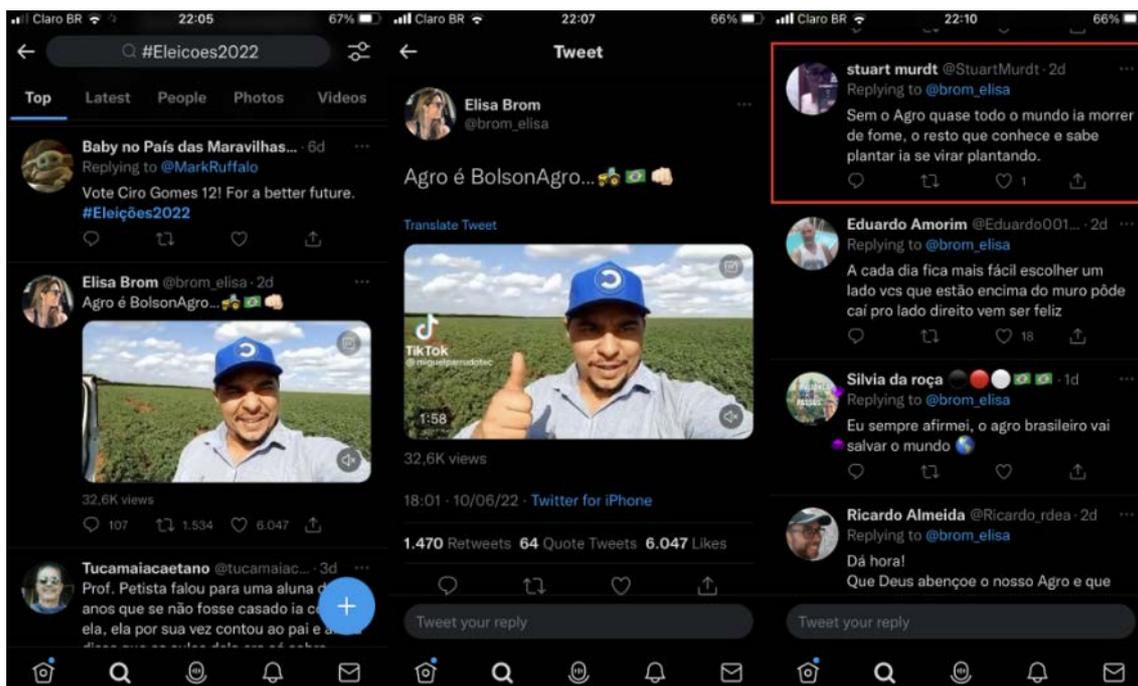
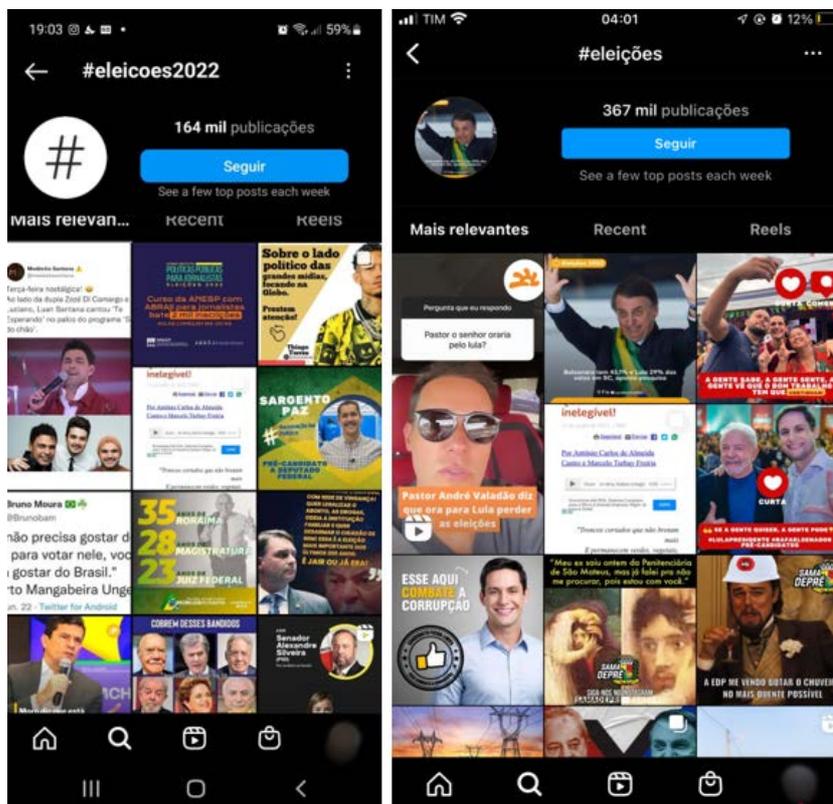


Figura 4. Sucessão das capturas de tela realizada por uma das autoras no dia 12 de junho de 2022 na rede social Twitter (fonte: elaborada pelos autores).

Embora parâmetros tenham sido estabelecidos, “erros” de percurso ocorreram ao longo do caminho. Apesar de termos estabelecido um horário em comum para os registros de tela, em alguns dias os registros aconteceram em horários diferentes. A exemplo disso, é possível citar um dos prints do dia 14, realizado no Instagram. Ao invés do registro ser feito às 19h, ele foi feito apenas às 04h da manhã do dia seguinte. À primeira vista, o que pareceu um “erro” se mostrou como um grande achado. Se o número de publicações realizadas naquele dia às 19h atingiam um total de 164 mil postagens, menos de nove horas depois atingiram 367 mil publicações. Ou seja, o número de publicações com o uso da hashtag #Eleições2022 quase triplicou. Demonstrando a enorme circulação desse tema entre os usuários das redes em plena madrugada. Aqui nos

lembramos da frase citada por Costa (2014), “só tropeçamos quando nosso pé se encontra com algo” (p. 75). Ao fazermos uso da abordagem cartográfica nesses levantamentos, precisávamos vislumbrar os nossos “erros” ou imprevistos do processo como achados em potencial. E esse foi um deles.



**Figura 5.** À esquerda, captura de tela no Instagram do dia 14 de junho de 2022 exatamente às 19h, com exatas 164 publicações (fonte: elaborada pelos autores).

**Figura 6.** À direita, captura de tela na mesma rede e no mesmo dia, às 04h da madrugada do dia 15, com 367 publicações (fonte: elaborada pelos autores).

De forma a complementar a nossa coleta de dados e tendo em vista que apenas as capturas de tela não abarcariam suficientemente as nossas percepções, realizamos também registros textuais. Esses registros serviram para nós sistematizarmos as nossas percepções diárias ao longo das nossas navegações nas redes sociais. Cada membro gerou um breve texto para cada rede e para cada dia de coleta. De forma prática, esses registros se assemelharam a um caderno de campo, porém organizado no formato de uma planilha online compartilhada. Dessa maneira, todos os membros da equipe puderam acompanhar os processos de coleta de dados e também as percepções de cada um ao longo desse processo.

Ao todo foram coletadas 432 capturas de tela ao longo dos 15 dias pré-estabelecidos, sendo 216 prints do Twitter e 216 prints do Instagram. Durante esse período também foram gerados 150 textos de aproximadamente 80 palavras cada. Após toda a organização e sistematização dos dados coletados, nos deparamos com um grande volume de informações. Lembrando que a coleta se deu da forma mais orgânica quanto possível, sem a utilização de softwares especializados para a raspagem dos dados. Seguindo a nossa proposta inicial, estes dados levantados também foram analisados de forma orgânica, manual e pormenorizada por cada integrante do grupo. Ou seja, não fizemos uso de nenhum algoritmo ou software de mixagem de dados. Para nós, esse foi o momento de maior riqueza do nosso trabalho cartográfico, compreendendo que à cartografia mais interessa o processo de análise do que meramente a produção de um produto final.

15/06	Autor 01	Instagram	A observação das publicações foi feita 00:02, mais uma vez em horário diverso da maioria (19:00). E novamente pode-se perceber grande diferença entre o teor das publicações que são observadas as 19:00. Neste horário e dia, NENHUMA imagem com o rosto do Bolsonaro aparece inteira na primeira página da hashtag, apenas um leve recorte como último post dos 11.
		Twitter	Drone joga fezes e urina em apoiadores de Lula antes de evento em Uberlândia.'
	Autor 02	Instagram	O que o Fabio Porchat está fazendo nessa #? O vídeo é muito interessante, por ele declara que votará em Ciro, maaas se às vésperas Bolsonaro estiver com perspectiva de ganhar no primeiro turno, ele vai votar no Lula já no primeiro turno.
		Twitter	Foi a primeira vez em que vi lulistas e bolsonaristas dialogando nas redes. A publicação sobre a eleição do Ministro Alexande de Moraes agradou o pessoal de "esquerda", mas desagradou os bolsonaristas.
	Autor 03	Instagram	Entre as publicações relevantes do dia, uma destacava a fala de Bolsonaro em um evento, onde o mesmo dizia que não levava jeito para ser Presidente, nos comentários apoiadores e opositores concordam que ele não leva jeito, mas para os primeiros, mesmo não levando o mesmo vai ser eleito e para os segundo que esta fala já expressa o conformismo dele com a possível derrota nas eleições.
		Twitter	No twitter a eleição do Ministro Alexandre de Moraes como presidente do TSE aparece em destaque, porém, entre as publicações do dia uma que chamou atenção, pois possuía mais comentários, foi a de que um drone jogou fezes e urina em apoiadores de Lula antes de um evento em Uberlândia, nos comentários o tom era de revolta e revanchismo
	Autor 04	Instagram	dia equilibrado entre os polos. Fábio Porchat se posicionando, militares se intrometendo nos ritos eleitorais e Bolsonaro "pedindo ajuda" para Biden nas eleições de outubro.
		Twitter	entre burros e inteligentes, o Estado, os estados e a terceira via. no comentário, chuva de fezes e chamada para o revide na luta corpo-a-corpo.
	Autor 05	Instagram	narrativas sobre voto impresso
		Twitter	SEM COLETA

**Figura 7.** Trecho de um único dia da nossa “tabela de campo”, na qual foram registradas as nossas percepções de campo durante a coleta de dados nas redes sociais Twitter e Instagram (fonte: elaborada pelos autores).

#### 4. Da cartografia

Após os 15 dias de coleta e em posse dos quase 450 prints, o grupo ponderou sobre quais deles forneciam informações mais pertinentes para serem analisadas e comparadas, também em como poderiam ser dispostos de forma que fosse fácil analisá-los e entender as relações entre cada um. Constatamos que os prints da tela dos “mais relevantes” do Instagram e dos “destaques” do Twitter nos forneciam dados mais interessantes do que os demais, e que organizá-los lado a lado possibilitaria entender de forma mais clara as relações existentes entre os prints de cada integrante ao longo do período coletado, bem como as relações que haviam no grupo.

Começamos por reunir os prints “mais relevantes” do Instagram e “destaques” do Twitter, formando linhas verticais e horizontais em uma malha linear. Ordenamos em colunas cada dia de coleta (de 02/06 a 16/06), e adicionamos informações consideradas essenciais para as futuras análises, como cada dia da semana pesquisado; nome dos integrantes da equipe (por ordem alfabética); localização de cada integrante, o que correspondia a 5 cidades do país, de 4 regiões diferentes (norte, nordeste, sul e sudeste); bem como capas e manchetes do jornal Folha de São Paulo, (escolhido por ter um alcance nacional) representando a adição de uma camada material externa a nossa coleta de dados, para amparo dos acontecimentos que não necessariamente serão citados nos prints coletados. A junção de todas essas informações possibilitou já à primeira vista uma análise mais completa dos dados, pois para a diagramação dos conteúdos optou-se pela união das informações por aproximações, tanto visuais quanto temáticas.



**Figura 8.** Resultado da nossa cartografia linear dos dados levantados junto ao Instagram e Twitter. Também adicionamos à nossa análise as primeiras páginas da Folha de São Paulo, de circulação nacional, referentes a cada dia de coleta nas redes. (fonte: elaborada pelos autores).

Após discussão, compreendemos o Instagram como uma rede de grande apelo visual, e o Twitter como rede formadora de opinião, com maior quantidade de textos e debates. Assim, analisamos os prints do Instagram por cores, buscando encontrar recorrências visuais no que foi coletado como grupo, quais prints se repetiam, onde ocorriam estas repetições, entre quais integrantes, e qual o viés das publicações repetidas, resultando em uma nova camada de informação, uma malha colorida demonstrando a maior incidência cromática de cada dia de coleta entre os integrantes do grupo. Com os prints do Twitter procuramos as reincidências visuais, e observamos também os comentários, buscando os mais relevantes dentro do grupo, dentro de cada dia determinado. As capas da Folha de São Paulo também foram analisadas, delas transcrevemos a principal manchete de cada dia pesquisado, evidenciando com um asterisco preto os dias em que o Bolsonaro aparecia entre as manchetes principais e com um asterisco cinza quando estava entre as manchetes secundárias ou entre os conteúdos principais do dia. É importante afirmar que nesse momento da produção cartográfica o grupo já compreendia a hashtag #Eleições2022 como um espaço virtual criado para difusão de ideias bolsonaristas, sem diálogo com o externo, e essa compreensão pautou algumas decisões em relação às análises do material coletado, como a observação das manchetes e repetição do nome do presidente também nas outras mídias.

A produção da malha linear possibilitou organizar as informações coletadas e descobrir novas camadas de compreensão dentro das disposições. Como exemplo de nova camada podemos citar os vazios existentes nas linhas verticais e horizontais representando os dias onde não houve coleta de dados por parte dos integrantes do grupo. Assim, de maneira horizontal observa-se a quantidade de dias em que determinado integrante não coletou, qual o dia da semana, qual o dia de coleta. De maneira vertical observa-se que em determinados dias da semana diversos membros do grupo não coletaram, neste caso, a maioria ‘falhou’ nos dias 10/06 e 11/06, sendo o dia 11 (um sábado), o dia com menos prints coletados. Novamente, em posse da abordagem cartográfica da nossa coleta, tomamos este fato imprevisto, tido inicialmente como uma “falha”, como parte potencial dos resultados. Já havíamos percebido que durante os finais de semana os níveis de circulação, conteúdo e quantidade de postagem nas redes sociais eram menores, e isso pode ser constatado nas ‘frases de campo’ realizadas no período de coleta, mas ainda assim, a junção do processo cartográfico e da disposição do material coletado afirmam nossa percepção.

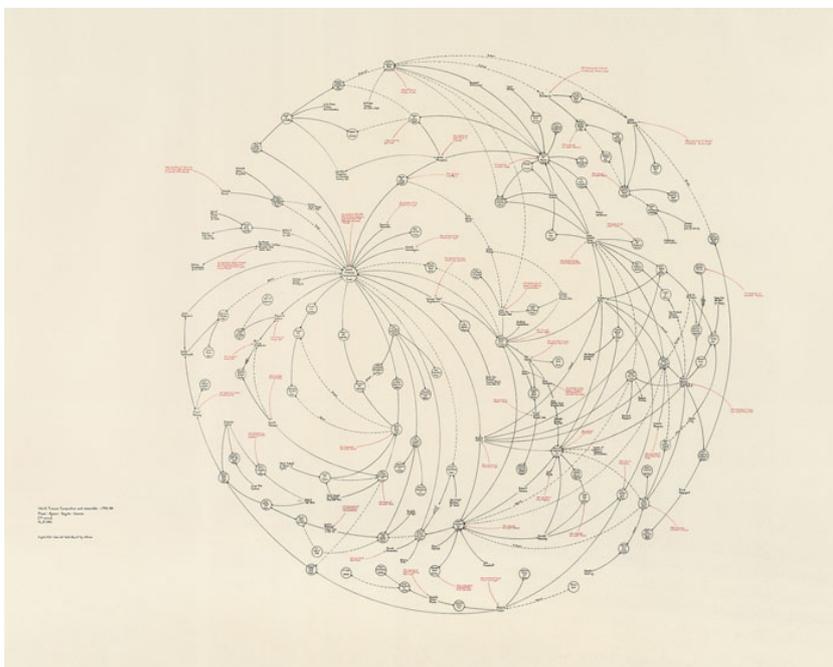
Como organização final da malha linear, optamos pelo formato vertical, partindo de um núcleo central de prints (os prints do Instagram e Twitter já dispostos de acordo com os dias de coleta), e adicionando as informações adjacentes (textos, comentários, nomes, datas) próximas ao conteúdo de caráter visual. Em cima das capas dos jornais estão as principais manchetes, com destaques em negrito; abaixo dos prints do Twitter estão os comentários mais relevantes e abaixo dos prints do Instagram está a malha com repetições cromáticas. Assim, a primeira peça gráfica produzida se constrói como processo de entendimento global de conteúdos recolhidos durante 15 dias de coleta, auxiliando na compreensão da quantidade, do teor, além do caráter organizacional necessário para o manejo das informações. Reitera-se que o processo cartográfico se realizou de maneira completamente orgânica como grupo, estabelecendo até mesmo certo contraste com a temática virtual e a excessividade de conteúdos. Então, após discussão, optamos pela produção de uma peça gráfica que conseguisse contemplar todo o espectro de informações, a coleta como um todo, sua hierarquização, as análises individuais dos integrantes do grupo, os rebatimentos, e o percurso.

A priori nossa primeira organização nos remeteu à mesa de trabalho ou de montagem de Aby Warburg, quando ao dispormos as imagens lado a lado procurando entender as relações que haviam entre elas, combinando e reorganizando cada uma tentávamos fazer emergir certas

correspondências. Segundo Didi-Huberman (2018, p.17), a mesa é “uma superfície de encontros e de disposições passageiras: deposita-se nela e nela se despeja, alternadamente, tudo o que seu “plano de trabalho” [...] acolhe sem hierarquia”. O Atlas Mnemosyne foi uma das nossas principais referências no momento de organização do material coletado, a ideia de dispor imagens em pranchas nos pareceu uma aposta acertada.

O atlas warburgiano é um objeto pensado como uma aposta. É a aposta que as imagens, unidas de um certo modo, nos ofereceriam a possibilidade - ou melhor, o recurso inesgotável - de uma releitura do mundo. Reler o mundo: ligar diferentemente os fragmentos desiguais, redistribuir a disseminação, meio de orientá-lo e de interpretá-lo, certamente, mas também de respeitá-lo, de remontá-lo sem acreditar resumi-lo nem esgotá-lo” (DIDI-HUBERMAN, 2018, p.27)

Nesta etapa do trabalho, a timeline do projeto RioNow<sup>xviii</sup>, coordenado pela professora Ana Luiza Nobre, com suas várias camadas de informações e dados, também foi uma referência importante para entendermos como organizar o extenso material coletado. Todavia, observamos que a malha linear não daria conta de evidenciar certas relações entre as imagens do nosso trabalho. Logo, pensamos em um outro formato, mais cíclico e constelar<sup>xix</sup>, assim como os diagramas realizados por Mark Lombardi em 1999, citando especificamente o World Finance Corporation and Associates, ca. 1970-84: Miami, Ajman, and Bogota Caracas (Brigada 2506: Cuban Anti-Castro Bay of Pigs Veteran), 7th version.



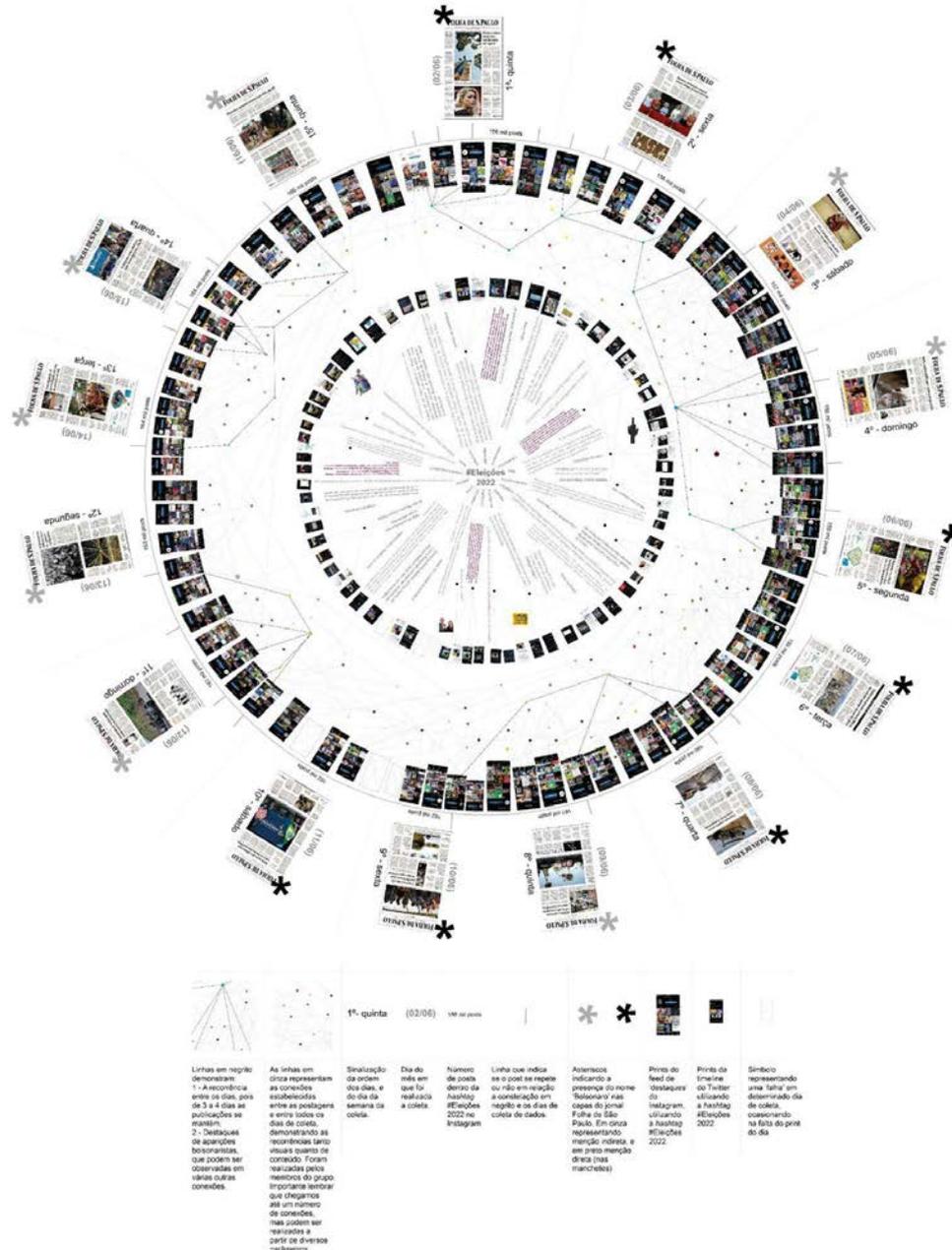
**Figura 9.** Mark Lombardi. World Finance Corporation and Associates, ca. 1970-84: Miami, Ajman, and Bogota Caracas (Brigada 2506: Cuban Anti-Castro Bay of Pigs Veteran), 7th version. (fonte: Art Critical).

Esse formato possibilita desvendar o desconhecido, organizar os pensamentos que surgem enquanto ainda se está em processo e conhecendo os fatos, e orienta, de forma não fixa, a partir de uma leitura que não acontece rapidamente, mas a cada informação adicionada ao produto. Uma leitura que se estabelece no resultado final da forma em que foi realizada, e só ocorre num passo a passo, a cada imagem, dado, camada percorrida.

Vistos de longe, os diagramas de Lombardi – desenhados com esquadros e régua francesas – são uma imagem etérea e delicada de uma realidade ordenada como constelações. As constelações são as linhas imaginárias que desenhemos entre as estrelas, diz Rebecca Solnit (2007). São as leituras que fazemos do céu, são as histórias que contamos. As constelações nos orientam, nos dão um meio de navegar, de cruzar a Terra. (...) Mas as rotas traçadas por Lombardi em seus diagramas não são imaginárias. As histórias que elas contam através de “estruturas

narrativas” são reais e tratam de crimes, interesses escusos e conexões insidiosas. (MESQUITA, 2021, p.127)

Desta forma, a partir do grid linear desenvolvemos outro material cartográfico, constelar. Dividimos uma circunferência pela quantidade de dias de coleta, ou seja, em 15 fatias. No interior de cada fatia foram distribuídos os prints do Instagram de cada um dos membros da equipe. Em uma camada exterior ao círculo foram adicionadas as capas do jornal Folha de São Paulo e demais dados pertinentes, como o dia em que ocorreu cada coleta e os asteriscos representando a presença ou não de Bolsonaro entre as principais manchetes do dia, direta ou indiretamente.



**Figura 10.** Resultado da nossa cartografia constelar dos dados levantados junto ao Instagram e Twitter. Também adicionamos à nossa análise as primeiras páginas da Folha de São Paulo, de circulação nacional, referentes a cada dia de coleta nas redes. (fonte: elaborada pelos autores).

Após a distribuição dos prints em cada fatia, foi possível relacioná-los a partir de parâmetros como: semelhanças visuais, conteúdo e repetição. As ligações, entrelaçadas entre si, formaram uma

grande teia. Em uma camada mais interna da circunferência foram adicionados, de maneira semelhante, os prints do Twitter e realizado o mesmo procedimento, todavia, neste caso, não houve tantas repetições, impossibilitando a formação de uma teia como no Instagram. Na circunferência foi possível adicionar ainda os comentários, palavras-chave e frases realizadas durante os dias de coleta por cada membro da equipe.

O formato escolhido representa ainda uma hierarquia estabelecida entre os níveis de informações coletadas, possibilitando a adição de camadas a cada necessidade percebida no decorrer das análises, mais receptivo ao que Lombardi chama de ‘fluxo contínuo de informações’, como no nosso caso, em que a grande quantidade de dados coletados durante o período de quinze dias é resultado desse fluxo característico do espaço virtual e das mídias sociais.

Portanto, constatamos que o formato constelar permitiu a inserção de um maior número de informações de maneira mais condensada e hierarquizada, além de possibilitar maior presença dos membros do grupo a partir das análises. O formato linear nos permitiu iniciar as análises e foi essencial para que posteriormente chegássemos ao mapa de redes em redes, constelar e completo.

## 5. Do resultado

Cartografar é percorrer caminhos enquanto ainda os traçamos, um fazer-durante intenso e constante. Nossos resultados são frutos dessa colheita realizada até aqui. Se continuássemos cartografando e analisando, os resultados iriam se desdobrar influenciados por nossos olhares e pelo momento histórico. O momento estudado neste trabalho é o período pré eleitoral nos meses de junho e julho de 2022. Se cartografássemos, seguindo a mesma metodologia que criamos, após as eleições teríamos outros resultados.

O ambiente das redes sociais - aqui no recorte do Instagram e do Twitter - é bastante peculiar e se mostrou muito acirrado e inflamado. Nos deparamos com forte presença e domínio do discurso bolsonarista. Um discurso que não é reproduzido “fora das redes”, no mundo real, nas pesquisas de intenção de voto realizadas nos últimos meses<sup>xx</sup>. Essa primeira percepção já indica tendência e estratégias recorrentes aplicadas pela direita conservadora em escala mundial, desde 2016 - início da chamada Era da Pós-Verdade<sup>xxi</sup> - com as eleições de Donald Trump, nos Estados Unidos e a saída da Inglaterra da União Européia, que é a do uso sistemático e manipulador dos algoritmos para influenciar os usuários-eleitores via Instagram, Twitter e WhatsApp.

A mentira, a não verdade, é outro artifício utilizado pelos eleitores bolsonaristas. Uma mentira imbuída de crenças e paixões que se espalha massivamente e alcança muito mais do que a verdade factual, simples e honesta. Outro importante efeito decorrente da fake news é o enorme esforço dispensado para desmentir cada fake news disparada, esforço esse que sobrecarrega a verdade. Em vez de produzirmos fatos, estamos ocupados em desmentir absurdos e achismos descabidos e sem qualquer fundamentação real. O discurso que encontramos no recorte feito, foi o discurso da mentira, um discurso unidirecional e fechado, deles e para eles.

A partir do material coletado pudemos observar a forma como os apoiadores de Bolsonaro utilizam cada uma das redes sociais, a maneira como constroem suas narrativas, o tom das publicações e a maneira como utilizam dezenas de hashtags em cada uma delas. Constatamos que o local de maior destaque no grid do Instagram, no canto superior direito, majoritariamente era ocupado por publicações bolsonaristas no formato de vídeo, situação que nos fez indagar os motivos para isso e se seriam publicações pagas. Inclusive, uma das únicas publicações que se repetiu entre todos os integrantes da equipe por mais de 1 dia foi um vídeo neste formato, em que Bolsonaro aparece fazendo uma declaração a seus seguidores. Notamos ainda que no Instagram houve um crescimento diário da hashtag pesquisada em uma taxa média de 1 mil novos posts por dia. No primeiro dia de coleta de dados haviam 156 mil publicações com a hashtag e no 15º dia 164 mil.

Ao analisar as cartografias produzidas constatamos ainda que as publicações do Instagram têm uma permanência de, aproximadamente, 3 a 4 dias. E confirmamos o quanto a geografia, isto é, o lugar em que cada integrante da equipe estava no Brasil, teve influência no que aparece em cada rede, de modo que a diferença entre as recorrências foi maior do que as semelhanças.

Ao pesquisarmos a hashtag #Eleições2022 pudemos adentrar um mundo artificial, paralelo e hostil. Em certos momentos, sentimos a estranha sensação de estar invadindo um território que não nos pertencia, embora todos nós sejamos usuários das duas redes sociais pesquisadas. Todavia, ao mesmo tempo que percebemos a hashtag #Eleições2022 como um domínio bolsonarista e que nos sentimos minoria diante dela, também concluímos que a maioria das publicações não eram geradas por pessoas, mas sim por robôs. E cabe lembrar: robô não vota!

## 5. Referências

COSTA, Luciano Bedin da. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. **Revista Digital do Lav**, Santa Maria, v. 7, n. 2, p. 65-76, ago. 2014.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Introdução: Rizoma. In: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: 34, 1997. 4v

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Acerca do ritornelo. In: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: 34, 1997. 4v

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol 5. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Atlas ou o gaio saber inquieto**. O olho da história, III. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018. 458 p.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996. 328 p.

HAESBAERT, Rogério; BRUCE, Glauco. A Desterritorialização na Obra de Deleuze e Guattari. **GEOgraphia**, v. 4, n. 7, p. 7-22, 21 set. 2009.

HOBBS, Robert. **Mark Lombardi: Global Networks**. Nova York: Independent Curators International (ICI), 2003.

KHAMINWA, Angela Nyawira. **Coexistence**. Beyond Intractability. Eds. Guy Burgess and Heidi Burgess. Conflict Research Consortium, University of Colorado, Boulder. Postado: Julho de 2003. Disponível em: <<http://www.beyondintractability.org/essay/coexistence/>>. Acesso em 19. jun. 2022.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009. p.32-51.

LOMBARDI, MARK. **World Finance Corporation and Associates, ca. 1970-84: Miami, Ajman, and BogotaCaracas (Brigada 2506: Cuban Anti-Castro Bay of Pigs Veteran)**, 7th version.

Disponível em: <<https://artcritical.com/2003/11/01/mark-lombardi/p071/>>

MESQUITA, André. Sobre mapas e segredos abertos. **PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG**, [s. l.], p. 116–137, 2012.

BARROS, Laura P.; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009. p.52-75.

PASSOS, Nelson A.R.D. A; LIMA, Fábio L. M.D. A hashtag #NãoVaiTerGolpe à luz do método perspectivista de ARS. In: XXXIX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 39., 2016, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom, 2016. p. 1-15. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-2064-1.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2022.

SANTOS, Milton. O retorno do território. **OSAL: Observatório Social de América Latina**, ano 6, n. 16, p.255-261, Buenos Aires: CLACSO, jun. 2005

SANTOS, Denise Mônaco. Coexistência: notas para um projeto de pesquisa. **VIRUS**, São Carlos, n. 4, dez. 2010. Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/virus/virus04/?sec=6&item=1&lang=pt>>. Acesso em: 10 mai. 2022

STAVRIDES, Stavros. **Towards the city of thresholds**. Professional Dreamers, 2010.

VELLOSO, R. Pensar por constelações. In: JACQUES, P.B., and PEREIRA, M.S., comps. **Nebulosas do pensamento urbanístico: tomo I – modos de pensar** [online]. Salvador: EDUFBA, 2018, pp. 98-121.

---

<sup>i</sup> Drone joga fezes e urina em apoiadores de Lula e Kalil antes de evento em Minas, O Tempo, 15 de junho de 2022. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/politica/drone-joga-fezes-e-urina-em-apoiadores-de-lula-e-kalil-antes-de-evento-em-minas-1.2684375>. Acesso em: 21 de julho de 2022.

<sup>ii</sup> Realizado no dia 09 de agosto de 2018, em São Paulo/SP.

<sup>iii</sup> Realizado no dia 17 de agosto de 2018, em Osasco/SP.

<sup>iv</sup> Realizado no dia 09 de setembro de 2018, em São Paulo/SP.

<sup>v</sup> Realizado no dia 20 de setembro de 2018, em Aparecida/SP.

<sup>vi</sup> Realizado no dia 26 de setembro de 2018, em Osasco/SP.

<sup>vii</sup> Realizado no dia 30 de setembro de 2018, em São Paulo/SP.

<sup>viii</sup> Realizado no dia 30 de setembro de 2018, em São Paulo/SP.

<sup>ix</sup> Íntegra do debate eleitoral televisionado pela Rede Bandeirantes durante o primeiro turno das eleições presidenciais de 2018: [https://www.youtube.com/watch?v=9EnJeUKwX\\_c&ab\\_channel=BandJornalismo](https://www.youtube.com/watch?v=9EnJeUKwX_c&ab_channel=BandJornalismo)

<sup>x</sup> Este artigo foi escrito ao longo de junho de 2022.

<sup>xi</sup> “Um agenciamento é precisamente este crescimento das dimensões numa multiplicidade que muda necessariamente de natureza à medida que ela aumenta suas conexões. Não existem pontos ou posições num rizoma como se encontra numa estrutura, numa árvore, numa raiz. Existem somente linhas. (...) As multiplicidades se definem pelo fora: pela linha abstrata, linha de fuga ou de desterritorialização segundo a qual elas mudam de natureza ao se conectarem às outras” (DELEUZE e GUATTARI, 1997); Todo agenciamento é, em primeiro lugar, territorial. A primeira regra concreta dos agenciamentos é descobrir a territorialidade que envolvem, pois sempre há alguma (...) O território cria agenciamento. O território excede ao mesmo tempo o organismo e o meio, e a relação entre ambos; por isso, o agenciamento ultrapassa também o simples ‘comportamento’ (...)” (DELEUZE e GUATTARI, 1997, p. 218).

<sup>xii</sup> “O território pode se desterritorializar, isto é, abrir-se, engajar-se em linhas de fuga e até sair do seu curso e se destruir” (GUATTARI e ROLNIK, 1986, p. 323). “(...) a desterritorialização é o movimento pelo qual se abandona o território (...) e a reterritorialização é o movimento de construção do território (...) Deleuze e Guattari afirmam que a desterritorialização e a reterritorialização são processos indissociáveis. Se há um movimento de desterritorialização, teremos também um movimento de reterritorialização (HAESBAERT e BRUCE, 2009).

<sup>xiii</sup> Para Kastrup (2015), na cartografia não há coleta de dados, mas a produção de dados de pesquisa. “A formulação paradoxal de uma ‘produção dos dados’ visa ressaltar que há uma real produção, mas que, em alguma medida, já estava lá de modo virtual.” (p. 33). Explicita uma condução de pesquisa distinta daquelas da ciência moderna cognitivista.

---

<sup>xiv</sup> “A Análise de Redes Sociais (ARS - em inglês Social Network Analysis, SNA) é uma interpelação da Sociologia, da Psicologia Social e da Antropologia que despontou como uma técnica utilizada pela Sociologia Moderna, sendo uma análise metódica de Redes Sociais, que por sua vez consistem em estruturas que representam pessoas ou organizações (atores) e as relações que possuem entre si.” (PASSOS; LIMA, 2016, p. 03)

<sup>xv</sup> A documentação sobre o Search API do Twitter pode ser acessada através do site: <https://developer.twitter.com/en/docs/twitter-api/getting-started/about-twitter-api>

<sup>xvi</sup> Force Atlas 2 é um algoritmo que simula um sistema físico de forma a distribuir espacialmente uma rede. Nós exercem forças de atração e repulsão entre si, de modo a permitir a sua visualização como num mapa.

<sup>xvii</sup> No Instagram foi feita a busca exatamente com o termo #Eleições2022. Já no Twitter, as publicações mais usuais utilizavam a *hashtag* com a grafia #Eleicoes2022.

<sup>xviii</sup> Grupo de pesquisa sediado no Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), com o objetivo de levantar, acompanhar e registrar, a partir de uma perspectiva crítica, o processo de transformações urbanas do Rio de Janeiro em função de megaeventos sediados na cidade a partir de 2009, e culminante com os Jogos Olímpicos e Paralímpicos de 2016. Disponível em: <http://rionow.org/home.html>. Acesso em: 21 de julho de 2022.

<sup>xix</sup> Grupo de pesquisa sediado no Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), com o objetivo de levantar, acompanhar e registrar, a partir de uma perspectiva crítica, o processo de transformações urbanas do Rio de Janeiro em função de megaeventos sediados na cidade a partir de 2009, e culminante com os Jogos Olímpicos e Paralímpicos de 2016. Disponível em: <http://rionow.org/home.html>. Acesso em: 21 de julho de 2022.

<sup>xx</sup> *Estável, disputa presidencial tem Lula à frente e Bolsonaro em segundo*, Datafolha, 24 de junho de 2022. Disponível em: <https://datafolha.folha.uol.com.br/eleicoes/2022/06/estavel-disputa-presidencial-tem-lula-a-frente-e-bolsonaro-em-segundo.shtml>. Acesso em: 21 de julho de 2022.

<sup>xxi</sup> Notícias falsas e pós-verdade: o mundo das fake news e da (des)informação, Politize!, 01 de outubro de 2017. Disponível em: <https://www.politize.com.br/noticias-falsas-pos-verdade/>. Acesso em: 15 de julho de 2022.